

humanitas

Vol. III

IMPrensa DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
COIMBRA UNIVERSITY PRESS

FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA

INSTITUTO DE ESTUDOS CLÁSSICOS

HVMANITAS

VOLUME III



COIMBRA

MCML - MCMLI

Sobre a tradução de um verso de Aristófanes

(*Acarnenses*, 606) (1)

No tocante à versão de textos gregos e latinos para línguas modernas, urge reconhecer que bem raro e a custo se vai chegando àquele ideal de rigor a que a ciência filológica nos habituou de há muito em outros domínios dos estudos clássicos. Sendo embora o traduzir com precisão dar a total equivalência dos valores originais num arranjo harmonioso, em que arte e ciência da linguagem se concertem, mais se vê contudo parafrasear do que verter; a menos que, em mera reprodução literal, inspirada por critério falsamente filológico, se desprezem ou desconheçam os recursos da língua em que procure dar-se expressão viva ao pensamento antigo, como por vezes também se verifica.

Diversas traduções de um simples verso aristofânico, recolhido ao acaso entre mil exemplos, sobejamente ilustrarão o que dizemos. Seja o n.º 606 dos *Acarnenses* :

*τους <5' εν Καμαρινη και Γελα και Καταγελα**

(1) Trabalho de seminário efectuado no Instituto de Estudos Clássicos da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, sob a orientação do respectivo Director.

Salvas algumas informações de helenistas estrangeiros, que adiante expressamente se indicam e aqui se agradecem, os materiais bibliográficos citados foram coligidos na Biblioteca Geral da Universidade, na secção de textos do referido Instituto ou na biblioteca particular do Sr. Prof. Rebelo Gonçalves.

Trata-se do passo em que Diceopolis lança no jovem rosto de Lâmaco uma afiada censura. E que, enquanto os velhos marcham para a guerra, ele e outros da mesma idade buscam furtar-se aos perigos e às fadigas com a aceitação de fáceis e rendosas embaixadas, entre as quais se contam as três referidas no verso que citámos.

Dos nomes próprios que aí figuram, os dois primeiros são de cidades que existiam ao tempo de Aristófanes : Camarina e Gela. O terceiro, pore'm, surge-nos logo à primeira vista como palavra que o autor forjou para fins estilísticos de índole cómica, pelo que não corresponde a qualquer realidade geográfica. Isto mesmo de resto confirmam as notas exegéticas que já desde a Antiguidade esclarecem o texto: aludem elas precisamente à natureza artificial do vocábulo e ao facto de o poeta o haver criado para insinuar a ideia contida no verbo καταγελᾶω «rir muito», «zombar», «troçar». O mais antigo depoimento é o dos próprios escólios, que a edição de Rutherford (1) transcreve : ἐποίησε <3έ το Καταγέλα από τον καταγελάν αυτών τους στρατηγούς (2). Outro tanto referem comentários mais recentes. Lembremos, entre estes, o da edição de Van Leeuwen (Lugd., 1901) (3) e o da edição de Angelo Taccone, *Aristofane. Gli Acarnesi...* (Turim, 1924) (4). O mesmo se deduz do comentário de carácter histórico de que vem acompanhada a tradução inglesa de

(1) u, p. 324 (= ed. Diibner, p. 18 a).

(2) Literalmente: «Tirou do troçar dos chefes militares deles o [nome] Καταγέλα.»

(3) «... Gelae fit mentio propter verbi γελάν sonum similem. Tertium nomen Catagelam iocose fictum esse ad vocum καταγέλωτος (Ach. 76) et καταχτήνης (Vesp. 575) analogiam observare puderet, nisi addi posset alter nostri iocus consimilis: υπό του Γέλωτος εις Γελάν ἀφιξοσσι (fr. 018).» (Nótese que na ed. da «Script. Glass. Bibi. Oxoniensis» o fragm. 618 de Aristófanes a que Van Leeuwen faz referência, é reproduzido assim: υπό <του> γέλωτος εις Γε'λαν ἀφιξου.σα.)

(4) «con Camarina e Gela si allude alla prima spedizione di Sicilia... Puoi tradurre Gela, che fa pensare a γελως, con *Riso...* Catagela è nome buffonescamente coniato dal Nostro (κατάγελως = *derisione*; traduci pertanto *Deriso*) per indicare che le imprese da megalomani come quella di Sicilia erano semplicemente degne di derisione.»

W. J. M. Starkie (Londres, 1909) (1), e bem assim da nota que esclarece a tradução publicada pela Athenian Society (1912) (2). Por seu turno, Pape-Benseler, no *Wörterbuch der griechischen Eigennamen*, s. u. Καταγέλα, confirmam tambe'm a interpretação mencionada (3).

Outros comentadores, contudo, acrescentam ao mesmo propósito a intenção, por parte de Aristófanes, de sugerir *παρά προσδοκίαν*, com a palavra *Καταγέλα*, a ideia de *Κατάνη*, isto é, Catânia. E o que se afirma em várias edições, por exemplo: W. C. Green, «Catena Classicorum», 1867-1870 (4); W. J. Hickie, Bohn's series, 1873 (tradução) (5); W. W. Merry, Oxónia, Clarendon Press, 1880(6),(7)5 C. E. Graves, Cambridge Press, 1905 (8).

Que o nome *Καταγέλα* tenha sido realmente criado e usado a fim de provocar a lembrança de *Κατάνη*, é hipótese provável, que, a verificar-se, aumentaria a graça, a ênfase cômica do

(1) «The allusion here is less obscure, as doubtless the expedition of Sophocles and Eurymedon is intended. The reference is to the great display in Sicily, which the successful war party in 426 B. G. projected, with a view to conquer the whole of Sicily. The scheme did end in καταγελώ? [sic], and its promoters suffered a check at the next elections, in March-April 425 B. C.»

(2) «C. & G.. towns in Sicily. There is a pun on the name Gela — Γέλα and Καταγέλα (ridiculous) — which it is impossible to keep in English.»

(3) «Καταγέλα, f. Auslachim, komisch gebildeter Name einer erdichteter Stadt, nach Γέλα gebildet, Ar. Ach. 606.»

{4} «Καταγέλα. Perhaps παρά προσδοκίαν for Catana, a town in Sicily.»

(7) Nota copiada de Wheelwright : «With Camarina and Gela, towns of Sicily, the poet (παρά προσδοκίαν) joins Catagela (town of derision), when Catania might be expected; denoting by this fictitious appellation the ridicule which was often cast upon the Athenians by their ambassadors.»

(6) Temos notícia de uma edição posterior, de 1893.

(7) «In the names of Sicilian cities there may be a hit at Laches (Thuc. m. 86) who commanded the expedition in aid of the Leontines, with whom Camarina was in alliance. Καταγέλα its punning reference to Γέλα, seems to be intended as surprise for Κατάνη.»

(8) «An allusion to the mission of Laches who was despatched to Sicily in 427-6, Thuc. in 86 sq. Καταγέλα (cf. v. 76) is a παρά προσδοκίαν, perhaps for Catana.»

texto de Aristófanes; mas que o mesmo seja um vocábulo destinado a provocar o riso — digamos: um risiloquio, para nos servirmos de um termo de Tertuliano—, visto fazer pensar no verbo *καταγελᾶω*, depois de *γελᾶω* sugerido por *Γέλα* (1), é certeza que provém não só dos testemunhos que aduzimos, mas do próprio eco deste passo em textos antigos. Com efeito, do verso 606 dos *Acarnenses* há evidente reminiscência no gramático Ateneu, vn, 91 (2), o qual menciona certo Arquês-trato, a quem se deve um poema sobre a arte culinária: *τίς οὕτως κριτής οψων ὡς ὁ ἐκ Γέλας, μᾶλλον δε Κατα^έλας ουτος ποιητής*; E não nos oferece Plauto idêntico jogo verbal, ao opor *Gelasimus* a *Catagelasimus* (3) — conforme lembra Van Leeu-

(1) *Καταγελᾶω* está na verdade para *γελᾶω* como *Καταγέλα* para *Γέλα*, sendo evidente que o prefixo tem aqui o valor reforçativo que Liddell-Scott, s. u. *κατά*, definem assim: «E. *κατά* in compos., V. freq. only to strengthen the notion of the simple word, as in *κατακο'πτω*, *κατακτεινω*, *καταφαγειν*, etc.; also with Substs. and Adjs., as in *κατάδηλος*, *κάτοξος*.» Mas é o mesmo Aristófanes quem nos dá não poucos exemplos de compostos com tal valor, não apenas de verbos e nomes vários, como também do próprio *καταγελᾶω* e do substantivo *κατάγελος*= lat. *irrisio*, invocado por alguns comentadores citados em notas precedentes. Cf. os seguintes:

a) exs. aristofânicos de verbos e adjectivos compostos com *κατα*-reforçativo: *καταγινώσκων* pelo simples *γινώσκων*: *Cavaí.*, 46, *οὔτως καταγινούς του γέροντος τους τρο'πους* (fala de Demóstenes) ; *κάτειπε* pelo simples *εἶπε*: *Pa%*, 657, *κάτειπέ σοι* (fala de Trigeu), e P<3f, 826, *κάτειπέ υοτ* (fala de δύο οικεταο ; *κάτοξος* = *lialde acutus* : *Vespas*, 471, *εσθ' ὅπως άνευ μάχης καί της κατοξείας βοης* (fala de Bdelicleon).

b) exs. de alguns empregos do verbo *καταγελᾶω* em Aristófanes : *Acarn.*, 680: *υπό νεανίσκων εἴτε καταγελᾷσει ρητο'ρων* (coro); *Acarn.* 1 0 8 1 , : *οἰυοι κακοδαίμων καταγελᾷς ηδη συ υ.ου* (fala de Lâmaco) ; *Cavaí.*, 161: *ἄλλα καταγελᾷς*; (fala de Alantopoles) ; *Aves*, g8: *ου σου καταγελῶμεν* (fala de Evélpides)

c) exs. do substantivo *κατάγελος* em Aristófanes: *Acarn.*, 75-76: ... ὁ *Kpavaà πο'λις / ap' αἰσ^άνει τ'ον κατάγελων των πρέσβεων* ; (fala de Diceópolis) ; *Aeam*, 1126: *ταυτ' ού κατάγελός ἐστιν ανθρώποις πλατύς* ; (fala de Lâmaco) ; *Cavaí.*, 319-320: ... *ωστε κατάγελων πάνηπολυν τοις δημοταισι και φίλοις παρασχεθεῖν* (fala de Demóstenes).

(2) Passo que Liddell-Scott citam, s. u. *Καταγέλα*, onde se lê: «Comic name of a town, with a play on the Sicil. *Gela*, *Γέλα* καί *Καταγέλα* Ar. *Ach.* 606, cf. Ath. 7. 314 f.» (Liddell-Scott referem a pág. da ed. de G. Kaibel, 3 vols., Lipsia, Teubner, 1887-1890.)

(3) *Stichus*, 4, 2, 50.

wen(i)—, em manifesta dependencia do velho comediógrafo ateniense (2) ?

Ora esta palavra *Καταγέλα*, de imediata e clara interpretação, unánimemente comentada quanto ao seu valor fundamental, dá todavia a tradutores, mesmo consagrados, o ensejo de a reproduzirem pelos modos mais diversos e inexactos, por não

(1) No final do comentário ao *Καταγέλα* de Aristófanes, acima transcrito, chama-nos deste modo a atenção para o verso plautino, bem como para outro exemplo bastante adequado, também de Aristófanes: «Praeterea conferendae sunt annominationes, qualis est *μαχών* καὶ *Λ ἀμάχων* (Ach. 269). Etiam Plauti iocus «nunc ego nolo ex Gelasimo mi fieri te Catagelasimum» (Stich. 631) huc facit.» Também o já citado tradutor de Aristófanes, W. J. Hickie, ainda em comentário a *Καταγέλα*, vê noutro verso de Plauto um eco do mesmo artificio aristofânico: «Plautus (*Mil. Glor.* 1. 1. 14) appears to have had these sesquipedalian appellatives in his mind when he introduces Pyrgopolinices discoursing on the Campi Gurgustidonii —

ubi Bombomachides Gluniustaridysarchides/erat imperator summus.» (Coment. da trad. de Bohn's series, 1873: nota copiada de Wheelwright.) Deve notar-se que a forma *Cluniustaridysarchides* vem diversamente escrita nas modernas edições e nos melhores dicionários: *Clutomestoridysarchides*.

(2) Eis como alguns dos mais autorizados dicionários registam *Gelasimus* e *Catagelasimus*:

a) Freund, *Grand Dictionnaire de la langue latine*: «*Catagelasimus*, a, um, adj. = *καταγέλαστος*, exposé aux moqueries, qui prête à rire, ridicule; par jeu de mots avec le nom d'un parasite, *Gelasimus*, Plaut. Stich. 4, 2, 50.» Falta neste dicionário o art. *Gelasimus*.

b) Lewis-Short, *A Latin Dictionary* (Oxónia, 1945): «*Catagelasimus*, a, um, adj., = *καταγέλαστος*, serving for ridicule; subst. m., a banterer, jeerer, in a pun with *Gelasimus*, the name of a parasite: nolo ex Gelasimo fieri te Catagelasimum, Plaut. Stich. 4, 2, 50.» Falta neste dic. o art. *Gelasimus*.

c) Calonghi, *Diccionario della lingua latina* (Turim, 1950): «*cātūgelāsīmus*, i, m. (*καταγέλαστος*), uno che ride contro, alle spalle di, Plaut. Stich. 631 [dove si suole interpretare diversamente]. Falta neste dic. o art. *Gelasimus*.

d) *Thesaurus linguae Latinae: Supplementum. Nomina propria Latina*, fasc. 11 (*Carine — Chatramis*): «*Catagelasimus* nomen per iocum fictum ex *Gelasimus*. Plaut. Stich. 630 nunc ego nolo ex Gelasimo mihi fieri te -um.»

e) Forcellini-Furlanetto-Corradini-Perin, *Lexicon et onomasticon totius Latinitatis* (1940): «*Gelasimus*, i, m. (*γελασίως*, *ridiculus*), nom. personae comicae ap. Plut, [sic] *Stich.* 630, ubi ita ludit in nomine: «Nunc ego nolo ex Gelasimo mihi fieri te Catagelasimum», i. e. ex ridiculo fieri deri-

terem na devida conta as limitações dos respectivos idiomas. E o que nos vão mostrar sem dúvida as versões deste passo, transcritas e agrupadas a seguir, consoante os caracteres peculiares de cada urna:

I. *Versões em que se procura manter certa afinidade sónica ou formal com Γέλα e Καταγέλα.*

a) Conservando ao mesmo tempo a ideia de «riso» somente na segunda forma, aparecem-nos algumas traduções germânicas em que se aproveitou a coincidência de haver no alemão o substantivo *Gelach* «gargalhada». Quem melhor utiliza tal possibilidade, talvez única em línguas actuais, é Woldemar Ribbeck, de cuja edição, com data de 1864, extraímos a parte respeitante ao verso 606 dos *Acarnenses*: «nach Kamarina, Gela und nach Hohngelach». Temos aqui, de facto, um composto de *Gelach* (*Hohngelach* «gargalhada sarcástica»), como que a seguir-se à forma simples — mero artifício ilusório ! —, e ainda a correspondência rimática *nach-Hohngelach*, para, em certa medida, equivaler à de Γέλα e Καταγέλα. Mas nem *Gelach* é fone'tica e formalmente igual a *Gela*, nem esta palavra em alemão pode significar «riso». Daí a ineficácia do artifício (1).

As restantes versões alemãs, em que se usa *Gelach*, não são muito diferentes entre si: «in Kamarina, in Gela, ins Gelach hinein» (2); «noch andre in Kamarin', in Gela und im

diculum et derisui esse.» Falta no *Onomasticon* deste dic. o art. *Catagelasimus*.

f) Liddell-Scott, s. u. καταγέλαστος, ον, ridiculous, with play on the name Γελαστός, Plaut. *Stich*. 631.

g) Gaffiot, s. u.: «*Catagelasimus*, i, m. (καταγέλαστος), le Ridiculisé: Pl. *Stich*, 631.» Falta neste dicionário o art.º *Gelasimus*.

h) Benoist-Goelzer, *Nouveau Dictionnaire latin-français* : «*catagelasí mus* ḡ i (καταγέλαστος), m. Plaut. Très ridicule.» Falta neste dicionário o art.º *Gelasimus*.

(1) No entanto, o Sr. Doutor Albin Beau, que consultámos, é de opinião que *Hohngelach*, em vez do habituai *Hohngelächter*, com acento muito expressivo na sílaba inicial, constitui criação bastante feliz.

(2) *Des Aristophanes Werke*. Uebers. von J. G. Droysen. Berlin, 1837. A mesma trad, na ed. de 1881 (3.ª).

Gelach(i); «in Kamarin, in Gelas, ins Gelach hinein» (2). Deve, porém, notar-se, nesta última, o ensaio de aproximação fonética de *Gela* a *Gelach*, por via do emprego da variante *Gelas*. Mas o efeito é quase nulo, porquanto no grego os meios são diversos.

Conhecemos ainda uma tradução inglesa de Aristófanes, a de B. B. Rogers (3), considerada uma das melhores nesse idioma, que se enquadra no mesmo género de tentativas. Diz assim: «and some/to Camarina, Gela, and Grineela». Mas este arranjo ainda é menos aceitável do que os anteriores, pois não só a aproximação fonética de *Gela* e *Grineela* é bastante duvidosa, como também o segundo vocábulo constitui insulso trocadilho, baseado em *grin* «riso alvar».

b) Outras versões, apesar de manterem a todo o custo, mesmo do ridículo e do mau gosto, vaga correspondência sónica e formal com as duas palavras gregas, não exprimem a ideia de «riso» que nestas se contém. E o caso das traduções inglesas de R. Y. Tyrrell (só de *Acharnians*) (4), tida como excelente, e de W. J. M. Starkie (5). Eis a primeira: «to Camarina/some, or to Gela, or to — Jericho». Surpreende este final : pois que faz aqui o nome da longínqua cidade bíblica, tão distante da Sicília e ainda, no século de Aristófanes, dos interesses gregos ? Cremos que foi incluída só para se obter uma aliteração com *Gela* e uma apagada rima com *to* (!), a não ser que Tyrrell pretendesse—o que aliás não é possível confirmar-se — incutir além disso a ideia de *to jerk* «azorra-gar», «açoiar», mas sem que desse modo conseguisse tornar mais semelhante a *Καταγέλα* o inesperado *Jericho*. O efeito cómico deriva, assim, não tanto da intencional fixação literária do pensamento contundente, como da incapacidade manifesta de lhe dar forma adequada. E o ridículo, que devera castigar

(1) Trad. de G. F. Schnitzer, 1842.

(2) *Die Lustspiele des Aristophanes*. Deutsch in den Versmassen der Urschrift von J. J. G. Donner. Lipsia-Heidelberga, 1851.

(3) 1870. Gom reimpressões, uma de 1910.

(4) Dublin University Press, 1883. Reimpressa em 1914, em Oxónia, para a Oxford University Dramatic Society.

(5) Londres, 1909.

os atingidos, recai em cheio sobre o autor, o mesmo é que, para o caso, sobre o tradutor.

Starkie, por seu turno, verte: «others again in Camarina, and in Gela and in — Gullia». Sobre a rebuscada equivalência consonântica dos dois vocábulos *Gela* e *Gullia*, somente parciais, quis-se insinuar *to gull* «trapacear», «enganar (especialmente em questões de dinheiro)». Mas o resultado não é mais satisfatório que o da versão anterior.

c) Embora com as mesmas características das antecedentes, há uma reprodução latina de Ludolphus Kusterus (1) em que, diversamente, a equivalência de *Καταγέλα* nos é dada por uma locução que não se coordena com os dois nomes de cidades que a precedem: «alios ad Camarinam & Gelam, gelidos uiros». Mas, porque se conseguiram só efeitos exteriores, a que distância do original se encontra esta infiel paráfrase!

II. *Versões em que se busca a correspondência de natureza sónica entre as formas respeitantes a Καμάρινα e Καταγέλα :*

Este segundo tipo de traduções está representado pela adaptação germânica de L. Seeger (2): «nach Gela, Kamarina, in die Kammern». A analogia fonética ensaiada agora liga os representantes de *Καμάρινα* e *Καταγέλα*, mas não respeita o valor semântico do último nome.

Diz-nos o Sr. Dr. Albin Beau que *Kammern*, forma do plural, tem uma terminação que se confunde com o sufixo locativo de *Salem*, *Luc er n*, etc., o qual o adequou ao contexto; além de que na Alemanha, durante as campanhas napoleónicas, os jovens que pretendiam furtar-se ao serviço militar, então arriscado, procuravam empregar-se nas *Kammern*, que eram os Ministérios das Finanças dos estados germânicos. Dada, pois, a semelhança deste facto com aquilo que no texto grego se critica, Seeger substituiu por esse modo o termo original.

(1) *Aristophanis Comoediae undecim*, Amstelodami, MDGGX.

(2) Temos notícia de que a primeira edição desta obra é de 1844 e de que têm sido várias as suas reedições. A edição consultada é a de 1910.

III. *Versões em que se procura uma correspondência de natureza sónica entre a forma respeitante a Καταγέλα e uma quarta forma introducida pelo tradutor :*

J. H. Frere, autor de *A Metrical Version of the Acharni ans, the Knights and the Birds* (1), afasta-se ainda mais do texto grego, visto reproduzir por *Catamountains* (2) o vocábulo que nos serve de tema, ao qual em tudo é alheia a forma inglesa, quer semântica quer fonéticamente, menos, sob o último aspecto, nas duas sílabas iniciais. Além disso, inclui um quarto nome, inexistente no texto grego, *Catana*, decerto por atribuir ao comediógrafo ateniense a já referida intenção de lembrar **Κατάνη** ao nomear **Καταγέλα**. Mas, sendo assim, a insinuação, talvez maliciosa, que Aristófanes pretendeu desapparece no translado — e mais uma vez se pode ver como é fácil chegar de *tradutore* a *treditore*. Eis a versão em causa: «to Gela,/And Catana, and Camarina, and the Catamountains». Obteve Frere deste modo uma aliteração de suave efeito, mas de escassa fidelidade ao modelo que devia respeitar.

Consultado sobre o emprego de *Catamountains* neste passo, esclarece amavelmente o Prof. H. J. Rose, da Universidade de Saint Andrews: «A catamountain is a *puma*, as I believe it is commonly called in South America.» Concluiremos com este helenista: «Not a happy rendering.»

IV. *Versões desprovidas da intenção de conservar a afinidade fonética existente no grego entre Γέλα e Καταγέλα :*

Com as versões que temos citado, quiseram os seus autores conservar: *a)* uma afinidade fonética paralela à que existe em **Γέλα** e **Καταγέλα** ; *b)* correspondência da mesma natureza entre as duas palavras gregas e as respectivas reproduções modernas. Há todavia algumas interpretações em que desaparece tal paralelismo e também a conformidade entre **Καταγέλα** e a

(1) Londres, 1835. Com reimpressões.

(2) Baseado em *catamount*.

expressão que a traduz, quase sempre uma perífrase. Neste outro modo por que se pretende transladar o vocábulo grego é-lhe sempre atribuída, nas edições que tivemos à mão, uma ideia de «troça» ou «riso», salvo o caso, na verdade arbitrário, da tradução francesa devida a Marc-Jean Aifonsi (1): «d'autres à Camarina, d'autres à Gela, à «J'ai la bonne place»». Deseñhecemos as razões que determinaram a escolha de tão deseñbida fórmula.

A mais sobria reprodução de *Καταγέλα*, entre as deste género, é-nos oferecida pelo vol. 7, *Aristophanes*, da colecção «Langenscheidtsche Bibliothek sämtlicher griechischer und römischer Klassiker in neuen deutschen Muster-Uebersetzungen» (2). Aqui o tradutor limita-se, de facto, a tomar por base o termo que na sua língua significa «gargalhada»; «die nach Kamarina, Gela und — «Ausladungen»».

Graças a uma informação do Prof. Carl Theander, da Universidade de Estocolmo, solicitada por intermédio do Instituto de Estudos Clássicos, sabemos da existência de uma tradução de Aristófanes em língua dinamarquesa, de M. Cl. Gerz, publicada em 1918, em que o nosso verso é reproduzido assim: «i Gela, i Kamarina og — Lavegrinia», ou seja «em Gela, em Camarina e — Lavegrinia». Diz-nos a propósito o conhecido classicista escandinavo que *Lavegrinia* é jogo de palavras baseado no verbo dinamarquês *lave* «produzir», «causar», e no substantivo *grin* «riso». Assemelha-se portanto esta versão à que citámos antes.

Mais alguns tradutores seguem idêntico processo, mas fazem corresponder a *Κατα/έλα* uma perífrase. Assim verte, por exemplo, T. Mitchell (3): «Others take wing for Gela, Camarina,/ And places that might win mirth's utmost laughter.» Parece-nos demasiado o circunloquio para equivaler a um só vocábulo. Contudo — segundo gentilmente nos esclarece o Prof. L. J. D. Richardson, da Universidade de Cardife —, o mesmo autor, em reedição de 1835, traduz um pouco diversamente: «and every

(1) Paris, Garnier, s. d.

(2) Berlim-Estugarda, 1855-18go.

(3) Londres, 1820.

other place that is ridiculous». Não menos redundante é urna tradução, também inglesa, de autor anónimo, publicada pela Athenian Society (1): «there are some of the same kidney, too, at Camarina and at Gela, the laughing stock of all and sundry».

Com igual prolixidade, H. Van Daele dá expressão francesa ao texto grego: «d'autres à Camarina, et à Géla, et à «moque-toi de ça» !» (2). Recorreu-se talvez a uma assonância, que realmente existe, dada, nessa língua, a pronúncia oxitona de *Camarina* e *Géla*, e a ocorrência, um pouco além, de *ça*, para de certa maneira se justificar o emprego da fórmula correspondente a *Καταγέλα*.

Citem-se mais dois casos, que se enquadram neste grupo de interpretações (bem mais que traduções!), mas com a diferença de que a palavra criada pelo comediógrafo está substituída por uma proposição relativa, dependente do pronome que representa o nome daqueles que vão para Camarina e Gela. E o que faz Louis Humbert, ao escrever: «Il y en a aussi à Camarina et à Géla qui sont la risée de tout le monde» (3). E também C. Poyard: «il y en a aussi à Camarina et à Gela, qui se font moquer d'eux» (4). Mas a isto não pode já chamar-se traduzir.

Y. *Versões em que se conservam afinidades fonéticas entre os termos relativos a Γέλα e Καταγέλα, mas em que se perde a correspondência fonética entre a reprodução e o original :*

Relembremos o que de versão existe no comentário de Angelo Taccone ao verso aristofânico, segundo a transcrição que atrás fizemos (5). Nesse comentário vai-se até ao ponto de traduzir o próprio nome *Γέλα*, propondo-se assim um trocadi-

(1) Londres, 1912. Reimpressa, segundo informação do Prof. L. J. D. Richardson, por Tudor Publishing Co., 1936.

(2) Paris, Les Belles Lettres, 1923 (ed. a cargo de Victor Goulon e H. Van Daele).

(3) «Classiques Garnier», *Aristophane*, t. 1.

(4) *Œuvres complètes d'Aristophane*, Paris, Hachette, 1903.

(5) P. 32, n. 4.

lho *Riso*: *Deriso*, paralelo ao do grego, mas com esta diferença: substituindo a realidade geográfica, ainda hoje patente, ao menos em ruínas, por uma abstracção que muito nos afasta do original vetusto.

A nosso ver, das transcrições que temos feito, nem uma se aproveita como exemplo de boa tradução; antes documentam elas o excesso a que não raro leva a fantasia dos tradutores, na ânsia de explicar o que devera apenas trasladar-se, quando se trate da nobre concisão de um texto grego. E, sendo bem menos sintética a expressão moderna, vá de alargar verbalmente sem medida o pensamento fixado pelos Antigos ; ou então, menosprezado o sentido e levada ao extremo do ridículo a reprodução, aliás inexacta, de processos estilísticos originais, vá de transformar *Καταγέλα* em *Cat amount ains*, *Gullia* ou *Jericho*, tal como atrás se registou.

Mas não se julgue este exemplo um caso único ou sequer esporádico: sempre que surjam nomes assim, teremos as mesmas paráfrases, as quais, se colocadas a par, na ausência do texto primitivo, nem sempre deixam entrever a comum derivação. Referimos e transcrevemos acima comentários relativos a um passo de Plauto, em que há clara reminiscência do jogo verbal aristofânico. Pois bem : aproximem-se agora do verso plautino duas versões que deles nos oferecem um grande latinista e um conhecido tradutor :

«Nunc ego nolo ex Gelasimo mihi fieri te Catagelasi-
mum» (1).

«Maintenant je ne veux plus que mon bouffon bouf-
fone à mes dépens» (2).

«Je ne veux pas que Gélasime le risible devienne
Gélasime le rieur à mes dépens» (3),

(1) *Stichus*, 4, 2, 50.

(2) Plaute, t. vi : *Pseudolus - Rudens - Stichus*. Texte établi et traduit par Alfred Ernout. Paris, Les Belles Lettres, 1938.

(3) Plaute, *Théâtre*, t. ni. Traduction nouvelle de Henri Glouard. Paris, «Classiques Garnier».

Que vemos em Plauto? Um jogo semelhante ao de Aristófanes: sobre um antropónimo real, outro forjado por meio de prefixo anteposto à repetição daquele. Isto deu, na primeira tradução acima, um nome comum — *bouffon* — e um circunlóquio em que entra uma forma verbal derivada — *bouffone* —, o que difere, e não pouco, do latim que se vertia; e deu, na segunda reprodução, o afrancesamento de *Gelasimus* repetido para as duas formas, embora diferenciado por posições perifrásticas adequadas a cada um dos termos de Plauto. Mas também isto é diferente do que devia ser mantido.

Citemos, ainda de Plauto, em *Curculio*, 444 (acto 111, 74), o trocadilho *Peredia* e *Perbibesia*, baseado nos verbos *edere* e *bibere*; A. Ernout verte-o por *Boustifaille* e *Boissonaille* (1), enquanto Henri Clouard emprega *Permangeaille* e *Perboissonie* (2). Se bem que desta vez se mantenha a sobriedade requerida, nenhuma das versões atinge a perfeição, que apenas a soma das vantagens de uma e outra permitiria obter. Efectivamente, seria necessário aliar a primeira forma de Clouard à segunda de Ernout, antecedida esta do prefixo *per-*, e teríamos assim, com *Permangeaille* e *Perboissonaille*, uma reprodução feliz de *Peredia* e *Perbibesia*. Pena foi realmente que a Henri Clouard não ocorresse a palavra que a primeira forma logicamente lhe sugeria, e que afinal era possível na sua língua, como no-lo prova a tentativa, menos aceitável, de Ernout.

Ao contrário de quanto arquivámos até aqui, em matéria de versões do passo de Aristófanes, há quem se limite a reproduzir os nomes próprios que nele existem:

«and're nach / Chaonien, Kamarina, Gela und Katagela» (trad. de C. M. Wieland) (3);

«alios in Camarina, in Gela, et in Catagela» (trad. de G. Dindorf) (4);

(1) Plaute, t. m, *Cistellaria - Curculio-Epidicus*.

(2) Plaute, *Théâtre*, t. 11.

(3) 1813. Informação do Prof. Robert Muth, da Universidade de Innsbruck.

(4) Firmin-Didot, 1839.

«others at Camarina, and at Gela, and at Catagela»

(trad. de W. J. Hickie)(1);

«e questi in Camarilla, e quelli in Gela/e in Catagela»

(trad. de Ettore Romagnoli) (2).

(1) Bohn's series, 1873.

(2) *Aristofane, Le Comedie*, vol. 1 (*Gli Acamesi- I cavalieri*), trad. de —, Bolonha, Zanichelli, 1924.

Segundo informação do Prof. Riccardo Avallone, de Salerno, a tradução reproduzida acima repete a do mesmo tradutor em *Le Comedie di Aristofane tradotte in versi italiani*, vol. 1, Turim, Bocca, 1909; mas numa tradução anterior, também em verso, *Gli Acamesi di Aristofane*, Palermo, Sandron, 1902, le-se *Camarina*, em vez de *Camarilla*.

Ante a estranheza que nos causou a forma *Camarilla*, que nada parece autorizar, pedimos a opinião do Prof. Luigi Alfonsi, da Universidade Católica do «Sacro Cuore». Acaba este erudito classicista de dar-nos a certeza do que suspeitávamos, isto é, consoante os seus próprios dizeres : «Siccome in italiano — anche annualmente — «camarilla» vuol dire «imbroglio, truffa, lega per truffare, *societas improborum ad factionem intentan* ecc., è chiaro che il traduttore ha voluto giocare con questo senso.» Vemos que, afinal, também esta versão, aliás magnífica no seu conjunto e assinada por um nome ilustre, apesar do acerto com que reproduz *Γελα* e *Καταγέλα*, claudica no tocante a *Kawa'piva*, e bem assim quanto aos nomes que ocorrem nos versos anteriores ao 606, que, para comprovação do que afirmamos, a seguir se trasladam, bem como a versão correspondente de Romagnoli e comentário respectivo, da autoria do mesmo:

¶

	Κόκκυγες γε	τρεις! «'
ταυτ' οὖν εγώ βδελυττο	αενος εσπεισά1λ7]ν,	
ορων πολιοις tiiv άνδρας ε'ν ταίς τάξεσιν,		600
νεανίας δ'οί'ους συ διαδεδρακοτας,		
τους γίν επί Θράκης υ^σθοφορουντας τρεις δραχν.άς,		
Τ ε ι σα υ-ενοφα τν ίππους Πάνου ργιπαρχ ίδας,		
ετέρους δέ παρά Χάρννrt τους δ'εν Χάοσιν,		
Γερτιτο,^εοδώρους Δίου,ειαλαζο'νας,		605
τους δ'εν Kay.aptvv) κάν Γέλα κán Καταγέλα.		

Tradução por E. Romagnoli:

«Tre cuccú !

«10 l*ho fatta la tregua, stomacato

«di vedere 1 canuti tra le file,

«e i giovanotti, al par di te sbuccioni,

«parte in Tracia buscar tre dramme al giorno,

«i Tisamensoffioni, i Birbipárchidi,

Como se vê, não tentam agora os tradutores manter impossíveis correspondências simultâneas de som e de sentido, ou seja traduzir o intraduzível,* limitam-se a dizer, em simples decaimento dos topónimos gregos, o que em português será:

«outros em Camarina, e em Gela, e em Catagela» (1).

Ora é precisamente este, quanto a nós, o único modo por que nos cumpre dar forma vernácula a trocadilhos de tal género, tocando à exegese, além de mencionar o intuito e as efeitos sugestivos que do seu emprego resultam na origem, tudo o mais que achamos integrado erradamente nas versões dos tipos anteriores. Como ir mais longe no caso de *Gela* e *Catagela*? Sendo, com efeito, a primeira das formas topónimo real, e por isso sempre assim transliterada — ou, quando muito, com pequenas alterações desinenciais —, seria indispensável que essa mesma

«altri presso Beltempo, altri in Culonia,
«e i Geretodiosbruffi, i Diospacconi,
oe questi in Camarilla, e quelli in Gela
«e in Catagela.»

Assim comenta este passo o mesmo tradutor, a p. 260 do vol. citado: «Questi nomi sono formati dal poeta con alcune radici, le quali tutte alludono alie varie trappolerie di tali incettatori di missioni lucrose. In Tisamenfenippi è la radice /am, denunziare, che accenna a sicofantia; in Geretoteodori si sentono suonare le due parole *dóron* e *ghéras* che ambedue significano *dono*; e Ve allusione ai donativi onde molti di codesti *uomini politici* si lasciavano corromperé. In Panurghipparchidi e in Diomeialazoni sono troppo visibili le due parole *panoûrgos*, briccone, *alaron*, fanfaron: traduco Birbipparchidi e Diospacconi. Gela e Catagela (quest'ultima inventata, e detta, contro l'aspettazione, invece di Catania) ricordano il verbo *gelân*, ridere, con allusione alla ridicolezza di simili ambascerie. Camarina era il nome d'una palude meffica presso la città dello stesso nome; e i Greci avevano il proverbio: non rimestar Camariña. Di Carete, che io rendo *Beltempo*, nori sappiamo nulla.»

(1) Claro está que, a respeito deste último vocábulo, não temos de atender à prosódia latina a que estão sujeitos os nomes gregos que transitam para o português, porquanto uma pronúncia proparoxítone, isto é, *Gatágela*, desfaria neste caso a rima que há no original.

transliteração pertencesse também morfológicamente a um quadro verbal sinónimo de «rir», para o trocadilho poder continuar a graça primitiva sob expressão alheia. Suponhamos, pois, que o verbo «gelar» — para exemplificarmos com a nossa língua — significava «rir», «troçar»; nesta hipótese, com *Gela* e *Regela*, teríamos logrado uma equivalência absoluta do jogo aristofânico. Mas, ainda que tal acontecesse, o processo adoptado aqui não serviria além, nunca poderia ser entendido e fixado como norma, porquanto não passaria de mera coincidência fortuita, sem forçoso paralelo nos demais idiomas.

Perante esta impossibilidade, que fazer, pois, senão transliterar simplesmente as formas originais segundo a índole das línguas que as recebem? Eis o que deve concluir-se da leitura de tantas adaptações, mais ou menos infiéis, que do verso aristofânico pudemos ter à mão, e depois de nós próprio debalde havermos procurado novas fórmulas. Só assim, na verdade, se evitarão artificios de efeito nulo e quase sempre lastimáveis, tais os que se obtêm com o experimentar reproduções vagamente sónicas, sem atender ao significado que os nomes possuem, ou, inversamente, com o verter-lhes o conteúdo semântico, embora abandonando jogos vocabulares e trocadilhos, ou ainda com o alterar sentido e letra, — pois de tudo isto há exemplos nas transcrições que atrás deixámos.

Quisemos aludir a um de muitos pontos que na técnica da tradução urge fixar, mormente quando na Faculdade de Letras de Coimbra, mercê do seu Instituto de Estudos Clássicos, já se concretizam condições que deixam entrever futuras séries de textos gregos e latinos. E que importa não continuar os erros denunciados — de que aliás são também vítimas as modernas línguas possuidoras de expressão literária digna de passar a outros idiomas — e aplicar às versões o rigor e a consciência que a filologia contemporânea imprime aos seus estudos.

Coimbra, Maio de 1951.

AURÉLIO PEIXOTO PAIS TAVARES.